



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Experimentação Reativa #18/2
<b>Autor</b>	RICARDO PEREIRA TEIXEIRA
<b>Orientador</b>	JOÃO CARLOS MACHADO

**Título do trabalho:** Experimentação Reativa #18/2

**Nome do Autor:** Ricardo Zigomático Pereira Teixeira

**Título da pesquisa:** A operatividade como geradora do processo de criação cênica

**Nome do orientador:** João Carlos Machado

**Instituição de origem:** UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq

**Resumo:** Este trabalho foi realizado dentro da pesquisa “*Além da ilustração: o exercício de relações insubordinadas entre textos cênicos*” (2015-2018) coordenada pelo Prof. Dr. João Carlos (Chico) Machado, que precedeu o projeto de pesquisa atual servindo-lhe de ponto de partida. Ao fim dessa pesquisa criamos uma obra cênica intitulada “Experimentação Reativa #18/2”, que constitui-se em um espetáculo de criação coletiva dos três performers/atores (o graduando do curso de Licenciatura em Teatro Ricardo Zigomático, o formando Rodolfo Ruscheinsky e professor Chico Machado) com operações envolvendo *street art*, dança e *performance art*. O processo de criação e de construção do referido espetáculo partiu da noção de operatividade, conceito que me utilizo para construir a presente investigação, onde analiso tal processo de criação.

O conceito de *operatividade*, proposto pelo orientador-coordenador da pesquisa, apresenta-se quando o processo de criação se dá a partir de operações do fazer material e prático e dos equipamentos e recursos técnicos utilizados na obra cênica que se tornam parte essencial do sentido que o trabalho artístico tem para quem o elabora.

Para a concepção da referida obra, parti da construção em marcenaria de uma estação de trabalho que lembra um palco, tendo seu fosso produzido com um alçapão para que eu pudesse entrar nela. A estação foi construída sobre rodas tornando-se um carrinho cujo deslocamento permitia-me fazer desenhos marcando o solo. Também dentro desta estação, para além da operação de desenhar, eu produzia o som de *beat box* (batidas de bateria de rap com a voz e a boca) ampliado por uma caixa de som com microfone que compunha o carro. Todas essas operações se apresentaram a partir de uma abordagem tautológica e relacionada ao conceito de operatividade. Na encenação, o carrinho era puxado por cordas pelo performer/ator (Chico) que levava meu ato de desenhar pelo espaço. Esta operação realizada por ele tirava essa ação do meu controle, o que era valorizado pela projeção ao vivo (a partir de uma câmera localizada no teto da área da performance) ressaltando o sentido presente na realização das tarefas e operações práticas e os efeitos estéticos gerados a partir deles. Este desdobramento de uma operação em outra, o qual denominamos de *transoperatividade*, ocorria também quando o outro performer/ator (Rodolfo) dançava em cima da estação de trabalho estimulado pelo som do *beat box* e das linhas que o desenho marcava no chão. Todas essas ações nos instigaram para a posterior criação de imagens mentais que geraram a criação coletiva de uma dramaturgia. Os ensaios duraram dois meses e funcionaram como momentos-tempo de experimentação a partir dos quais as proposições/operações de cada performer podiam incidir e reagir na operação do outro, tornando a *operatividade* e a *transoperatividade* uma base conceitual ativamente testada por mim e pelos demais participantes, produzindo significação para a criação cênica, na qual o modo como algo é feito é tão ou mais importante do que aquilo que é feito ou do efeito que uma obra pode causar em outros. Nessa direção, pude experimentar com o fazer material e prático, e com as técnicas relacionadas a eles e compreender que a operatividade pode trazer elementos igualmente importantes para a criação de um espetáculo.